

5 PRINCIPAIS CULTIVARES DE UVAS FINAS DE MESA

Patrícia Coelho de Souza Leão

INTRODUÇÃO

As uvas finas de mesa englobam cultivares da espécie *Vitis vinifera* L., de origem européia, que são sensíveis às doenças fúngicas e altamente exigentes em tratamentos culturais. Todas as cultivares exportadas estão incluídas nesse grupo ou são híbridas entre elas e alguma outra espécie.

As uvas de mesa devem apresentar características apreciadas para o consumo in natura. Os cachos devem ser atraentes, resistentes ao transporte e ao manuseio, ter sabor agradável e boa conservação pós-colheita. A forma ideal do cacho é a cônica, especialmente para o mercado externo, embora seja comum a presença de cachos cilíndricos, com tamanho médio de 15 a 20 cm e peso superior a 300 g. Os cachos devem ser cheios, mas não compactos. Em cultivares de cachos compactos, como, por exemplo, a 'Itália', o raleio é uma prática fundamental para promover uma redução na sua compactação natural. As bagas devem ser grandes e uniformes, com diâmetro igual ou maior que 18 mm para cultivares sem sementes e 24 mm para as que têm sementes. A polpa deve ser firme, com película e engaço resistentes e boa aderência das bagas ao pedicelo. As bagas devem ser limpas, sem manchas provocadas por insetos, doenças, danos mecânicos ou defensivos. A ausência de sementes é uma característica desejada para o consumo in natura. A cor das bagas – verde, verde-amarelada, vermelha ou preta, – é um aspecto importante na comer-

cialização. É importante que a cor seja intensa, brilhante e uniforme, característica varietal, mas que sofre influência do clima e das práticas culturais. O sabor da polpa, determinado pela classe e pela qualidade das substâncias voláteis presentes, pode ser agrupado em quatro tipos: neutro, especial, foxado e moscatel. As uvas podem ainda ser doces ou ácidas, de acordo com a relação existente entre açúcares e ácidos, e mais ou menos adstringentes, dependendo dos teores de tanino.

CULTIVARES DE UVA PARA PORTA-ENXERTOS

Os principais critérios a serem observados na seleção do porta-enxerto de videira são: resistência a filoxera e a nematóides; adaptação aos solos ácidos, calcários ou salinos; adaptação à seca ou à umidade excessiva do solo; resistência a doenças fúngicas de folhagem; tolerância à deficiência nutricional; boa afinidade com a variedade produtora; compatibilidade na enxertia; facilidade de enraizamento e de pegamento na enxertia.

Cada porta-enxerto adapta-se a determinadas condições de solo e clima e se comporta diferentemente segundo a variedade enxertada.

Existem centenas de cultivares obtidas para adaptação a diferentes condições ambientais. No Submédio do Vale do São Francisco, os porta-enxertos que têm apresentado comportamento satisfatório para uvas de mesa com sementes, são híbridos

obtidos no Instituto Agronômico de Campinas - IAC. Entretanto, outros porta-enxertos devem ser testados, pois cada cultivar copa poderá apresentar desenvolvimento distinto, dependendo do porta-enxerto utilizado, em virtude da influência recíproca e do grau de afinidade existente entre ambos, além da necessidade de se aumentar o elenco de alternativas de porta-enxertos para essa região. Os principais porta-enxertos cultivados no Submédio do Vale do São Francisco são: IAC 313 ou 'Tropical', IAC 572 ou 'Jales' e IAC 766 ou 'Campinas'. Entretanto, outros importantes porta-enxertos também estão sendo pesquisados, tais como: Salt Creek, Dog Ridge, Courdec 1613, Harmony, 420-A, Paulsen 1103 e SO₄.

CULTIVARES DE UVA COM SEMENTES

Itália ou Pirovano 65

É resultante do cruzamento entre Bicane x Moscatel de Hamburgo, por Angelo Pirovano, em 1911, na Itália. Principal cultivar de uvas finas de mesa do Brasil, concentra sua produção nos Estados de São Paulo, norte do Paraná, Minas Gerais, Pernambuco e Bahia. No Nordeste Semi-Árido brasileiro, esta é ainda a principal cultivar utilizada. A planta apresenta vigor mediano, maior fertilidade a partir da 4ª gema, adequando-se ao tipo de poda média (7 a 8 gemas), ciclo fenológico de aproximadamente 120 dias, e produtividade média de 30 t/ha/ano, podendo atingir até 50 t/ha/ano, em parreirais bem manejados. É bastante sensível às doenças fúngicas. Os cachos são grandes, com peso médio de 450 g, cilíndrico-cônicos, alongados, alados e muito compactos, com boa resistência ao transporte e armazenamento. As bagas são grandes (8 a 12 g), podendo atingir mais de 23 mm de diâmetro, cor verde-amarelada, ovaladas, consistência carnosa, sabor neutro levemente moscatel e boa aderência ao pedicelo (Fig. 1).

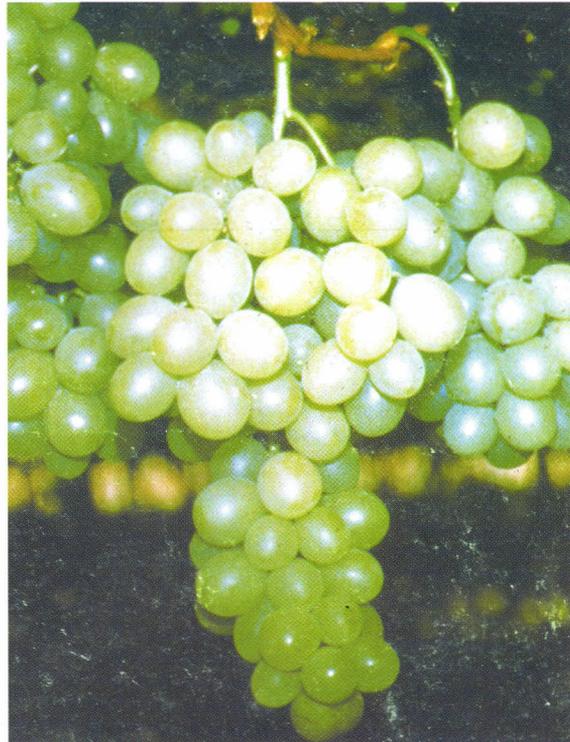


Foto: Patrícia Coelho de Souza Leão

Fig. 1. Cultivar Itália.

Piratinga

Originada de mutação somática da variedade IAC 842-4 (Eugênio). Apresenta vigor mediano, desenvolvimento vegetativo abundante, ramos vigorosos, folhas verde-claras, inflorescências grandes e flores hermafroditas perfeitas. Cachos médios a grandes, com peso médio entre 300 e 400 g, cônicos, medianamente compactos, necessitando de raleio menos intenso que a 'Itália'. As bagas são de cor róseo-escuras, ovais, grandes, carnosas, sabor neutro, e apresentam mediana aderência ao pedicelo. No período chuvoso, as bagas destacam-se facilmente do engaço, em virtude da ruptura da película em torno do pedicelo. Considerada há alguns anos como a principal uva vermelha produzida no Submédio São Francisco, atualmente foi substituída por outras, como a Red Globe e Benitaka, com melhores características de tamanho de cachos e bagas, aderência ao pedicelo e conservação pós-colheita, deixando, portanto, de ser uma cultivar recomendada para essa região (Fig. 2).

Foto: Patrícia Coelho de Souza Leão



Fig. 2. Cultivar Piratininga.

Red Globe

Foi obtida pelo Dr. H.P. Olmo, na Universidade da Califórnia, em Davis, por meio das seguintes hibridações: (Hunisia x Emperor) x (Hunisia x Emperor x Nocera), lançada para o cultivo comercial em 1980. No Submédio do Vale do São Francisco, essa cultivar apresenta vigor mediano a elevado quando enxertada sobre porta-enxerto IAC 572, exigindo poda mais longa (9 a 15 gemas). Os cachos são grandes, soltos, com excelente aspecto visual. As bagas são arredondadas, muito grandes (12 a 13 g), podendo atingir diâmetros superiores a 25 mm, de coloração rosada, textura firme, sabor neutro inexpressivo e boa aderência ao pedicelo. A irregularidade de produção em safras consecutivas e a elevada sensibilidade à desidratação da baga e engaço, especialmente na fase de pegamento do fruto, são alguns dos problemas associados a essa cultivar, nas condições do Submédio São Francisco. Entretanto, o principal fator limitante para a utilização desta cultivar nos últimos anos tem sido a elevada sensibilidade ao cancro bacteriano causado por *Xanthomonas campestris* pv. *viticola*, quando as condições de alta umidade relativa e precipitações favorecem o desenvolvimento da doença. Por esse motivo, é

importante evitar a poda da planta sob essas condições climáticas (Fig. 3).



Fig. 3. Cultivar Red Globe.

Benitaka

Originada de mutação somática na cultivar Itália, descoberta numa fazenda, no município de Floraí, norte do Paraná, foi lançada em 1991, e passou a ser cultivada no Submédio do Vale do São Francisco, em 1994, aproximadamente. Destaca-se pelo intenso desenvolvimento da coloração rosado-escuro, mesmo quando ainda imatura, em qualquer época do ano. Os cachos são grandes, com peso médio de aproximadamente 400 g e bagas grandes (8 a 12 g). A polpa é crocante, com sabor neutro. Apresenta boa conservação pós-colheita. Essas características fazem da 'Benitaka' a uva de cor que mais vem despertando o interesse dos produtores do Submédio do Vale do São Francisco nos últimos anos (Fig. 4).

Brasil

Originada de mutação somática na cultivar Benitaka, surgiu na mesma fazenda onde esta se originou. Apresenta-se muito atrativa ao consumo, pois adquire uma coloração preta mais intensa e uniforme que as suas irmãs 'Benitaka' e 'Rubi', mesmo em condições de clima quente. Outra característica marcante que a diferencia de outras cultivares de mesa é a coloração vermelho-escuro da polpa. As características da planta e frutos (cachos e bagas) da 'Brasil' são semelhantes às da 'Itália' e 'Benitaka'. A 'Brasil' pode ser considerada uma cultivar



Foto: Carlos Alberto da Silva

Fig. 4. Cultivar Benitaka.

emergente no Submédio do Vale do São Francisco. Embora pouco conhecida, apresenta-se como uma opção de uva de cor preta, especialmente para o mercado interno (Fig. 5).



Foto: Cicero Barbosa Filho

Fig. 5. Cultivar Brasil.

Patrícia

Híbrido IAC de terceira geração, descendendo do cruzamento da IAC 501-6 (Soraya) com IAC 544-14, que, por sua vez, foi obtido do cruzamento entre IAC 339-21 (Moscatel Rosado x *Vitis smalliana*) e IAC 287-2 (Niágara rosada x Jumbo). As plantas são produtivas (superior a

7 kg/planta) e muito vigorosas. Devem ser conduzidas em poda longa com 9 a 12 gemas. Seus cachos são grandes, entre 350 e 500 g, cilíndricos, muito compactos, com boa aderência ao pedicelo, engaços fortes, bem desenvolvidos e ramificações abundantes. Apresenta menor sensibilidade às doenças fúngicas e boa conservação pós-colheita. As bagas são pequenas, arredondadas, de cor vermelho-escuro, textura crocante, sabor neutro, levemente herbáceo, casca espessa, que assegura grande resistência a rachaduras. Não necessita de raleio de bagas, vantagem que reduz o custo de produção. Sua comercialização está restrita ao mercado interno (Fig. 6).



Foto: Carlos Alberto Silva

Fig. 6. Cultivar Patrícia.

Alphonse Lavallée ou Ribier, Dattier de Beirouth e Christmas Rose são outras cultivares com sementes, de menor importância econômica no Submédio do Vale do São Francisco.

CULTIVARES DE UVA SEM SEMENTES

A apirenia (ausência de sementes) é uma característica das mais desejáveis para o consumo da uva in natura, pois a cultivar sem sementes alcança preços mais

elevados que as tradicionais uvas com sementes. Observa-se uma tendência mundial para o consumo desse tipo de uva.

O cultivo comercial de uvas sem sementes, no Submédio do Vale do São Francisco, é recente, iniciando-se a partir de 1990. Em 1967, no entanto, algumas cultivares sem sementes já haviam sido introduzidas na coleção de videira do Campo Experimental de Mandacaru, Juazeiro, BA. Posteriormente, alguns produtores iniciaram o cultivo experimental em pequenas áreas, efetuando testes preliminares de manejo e introduzindo novos materiais. De uma maneira geral, as cultivares apirênicas apresentaram, nas condições ambientais do Semi-Árido do Nordeste brasileiro, plantas com intenso vigor vegetativo e produtividades reduzidas, problemas de baixa fertilidade de gemas, cachos pequenos e compactos, pequeno tamanho de bagas, desgrane elevado e baixa conservação pós-colheita.

As cultivares Perlette, Superior Seedless, Catalunhá, Centennial Seedless e Flame Seedless, foram avaliadas em áreas experimentais de fazendas privadas no Submédio do Vale do São Francisco. Entre elas se destacaram a Perlette, Superior Seedless e Catalunha, com produtividades razoáveis e com qualidades que atendiam às exigências do mercado externo. Em termos comerciais, as áreas cultivadas são ainda insignificantes, quando comparadas às cultivares com sementes, mas com perspectivas de expansão muito rápida, em virtude do grande número de implantações de vinhedos com uvas sem sementes nos últimos anos.

Entre as dificuldades para a obtenção de produtividades satisfatórias de uva sem sementes, estão a falta de adaptação das cultivares introduzidas às condições climáticas da Região do Submédio do Vale do São Francisco e a necessidade de ajustes das técnicas de manejo.

Atualmente, tem-se conhecimento do comportamento das seguintes cultivares:

Perlette

Obtida pelo cruzamento de Scolokertek hiralynoje ou Regina dei Vigneti x Sultanina marble, pelo Dr. H. P. Olmo na Califórnia. Seus cachos são cônicos, tamanho mediano a grande, que pode variar segundo o tipo de poda utilizada. Os cachos apresentam peso médio entre 400 e 500 g. As bagas são esféricas e pequenas, entretanto, podem atingir diâmetro superior a 18 mm quando tratadas com reguladores de crescimento (Souza Leão et al., 1999). Possuem coloração amarelada uniforme e sabor levemente moscatel adocicado. A aderência ao pedicelo e conservação pós-colheita são boas. São plantas vigorosas, que respondem bem a podas longas (16 gemas), pois a fertilidade das gemas é crescente da base para o ápice. A Perlette apresenta uma produtividade média de aproximadamente 20 t/ha/ano. Entretanto, em área experimental, obteve-se produtividade da ordem de 32,5 t/ha/ano (Camargo et al., 1997). Como seus cachos são excessivamente compactos, exigem a utilização de intenso trabalho de raleio, recomendando-se a utilização de práticas como a aplicação de nitrogênio ou reguladores de crescimento, antes e durante a floração, de modo a promover a descompactação do cacho e, conseqüentemente, a redução dos custos de produção (Fig. 7).

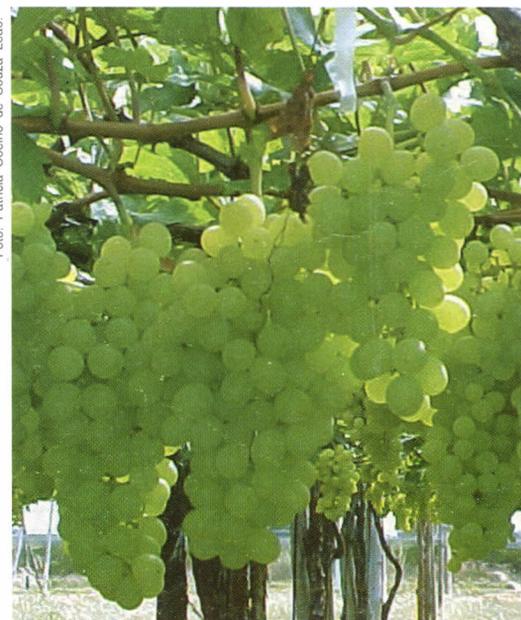


Foto: Patrícia Coelho de Souza Leão.

Fig. 7. Cultivar Perlette.

Catalunha

Essa cultivar possui cachos muito atraentes, parecidos com os da Thompson Seedless. Camargo et al. (1997) obtiveram produtividade média de 20,4 t/ha/ano em área experimental utilizando poda longa. Seus cachos apresentam peso médio de 400 g em poda longa e as bagas podem atingir diâmetro acima de 17 mm quando tratadas com reguladores de crescimento. Apresentam bom sabor e boa conservação pós-colheita (Fig. 8).

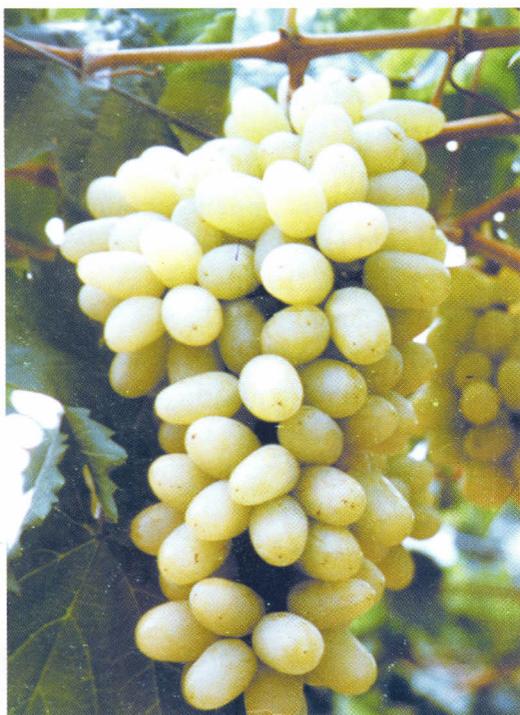


Foto: Cesar Hieki Mashima.

Fig. 8. Cultivar Catalunha.

Superior Seedless

Foi obtida na Califórnia, em programa de melhoramento genético privado. É, portanto, uma cultivar patenteada, também conhecida como 'Sugraone' ou 'Festival'. Apresenta excelentes características comerciais, embora sua fertilidade de gemas seja baixa, o que conduz a produtividades reduzidas. Os cachos são médios, geralmente cônicos e suas bagas elípticas podem atingir um tamanho satis-fatório, sem necessidade de aplicação de reguladores de crescimento. Apresentam coloração verde e textura crocante, com sabor especial. A excelente aceitação dessa cultivar no mercado externo tem consolidado a 'Superior Seedless' como a mais impor-

tante cultivar sem sementes. Observa-se, nos últimos anos, uma rápida expansão das áreas cultivadas com a Superior Seedless no Submédio do Vale do São Francisco (Fig. 9).

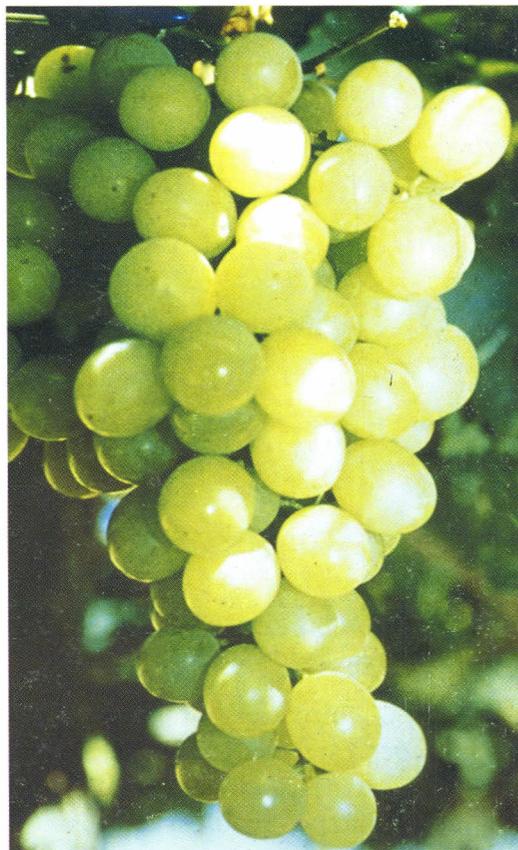


Foto: Patrícia Coelho de Souza Leão.

Fig. 9. Cultivar Superior Seedless.

Centennial Seedless

Foi lançada na Califórnia, pelo Dr. H. P. Olmo, pelo cruzamento entre Gold x Q256 (F2 de Emperor x Pirovano 75). Apresenta plantas vigorosas e fertilidade de gemas superior às demais cultivares sem sementes. Os cachos são grandes e soltos, com peso médio de 400 a 500 g. As bagas são elípticas alongadas, de tamanho mediano (diâmetro médio de 18 mm), podendo ser ainda maiores com a aplicação de ácido giberélico. Sua coloração é verde uniforme e o sabor é neutro inexpressivo. É uma cultivar precoce, pois sua colheita é realizada, aproximadamente, aos 100 dias após a poda. Os seus principais problemas são a fraca aderência ao pedicelo, resultando na baixa conservação pós-colheita e aparecimento de manchas sobre a película das bagas durante a fase de maturação. Por esses fatores, não está

sendo recomendada para o plantio no Submédio do Vale do São Francisco; no entanto, está sendo cultivada com sucesso na região noroeste paulista (Fig. 10).



Fig. 10. Cultivar Centennial Seedless.

Outras cultivares foram avaliadas em coleções estabelecidas em áreas experimentais, destacando-se as cultivares 'Vênus', 'Marroo Seedless', 'Crimson Seedless' e 'Fantasy'.

'Vênus', obtida pela Universidade do Arkansas, Estados Unidos, foi introduzida no Brasil pela Embrapa Uva e Vinho em 1984, passando a ser cultivada comercialmente a partir de 1991. Nas condições do Submédio do Vale do São Francisco, apresentou características interessantes, destacando-se a sua precocidade, tamanho de bagas e boa fertilidade de gemas, quando comparada a outras cultivares sem sementes, obtendo-se uma produtividade média estimada em 24 t/ha/ano (Souza Leão, 1999). Os seus cachos apresentam formato cônico e muito compactos. As bagas são esféricas, com consistência de polpa mucilaginosa e baixa aderência das bagas ao pedicelo. Sua coloração é preta uniforme e o sabor é muito agradável e típico, lembrando o gosto foxado das uvas americanas (Fig. 11). Alguns aspectos, como a baixa resistência ao transporte e desgrane elevado, podem limitar a utilização dessa cultivar.



Fig. 11. Cultivar Vênus.

'Marroo Seedless' é originária da Austrália e foi obtida em 1977 pelo cruzamento Carolina Blackrose x Ruby Seedless. Apresenta cachos grandes, cônicos e medianamente compactos. As bagas são grandes, elípticas e de coloração vermelha intensa. Essa cultivar apresentou tamanho de bagas, fertilidade de gemas e produtividade média estimada em 20 t/ha/ano (Souza Leão, 1999) que permitem considerá-la como mais uma alternativa de uva sem sementes para a Região do Submédio do Vale do São Francisco (Fig. 12).

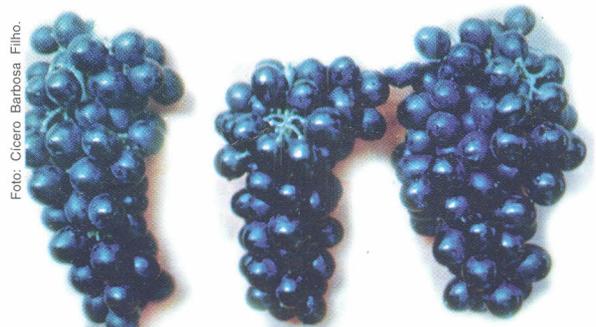


Fig. 12. Cultivar Marroo Seedless.

Crimson Seedless ou Ruiva, e Fantasy ou Fantasia foram obtidas pelo programa de melhoramento do USDA, em Fresno, Califórnia e introduzidas no Brasil pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). Ambas as cultivares apresentam plantas vigorosas. Os cachos de 'Crimson Seedless' são médios (400 a 600 g), enquanto os da 'Fantasy' são um pouco menores (300 a 400 g). 'Crimson Seedless' tem cachos medianamente compactos e 'Fantasy' levemente soltos, dispensando o raleio de

bagas. O peso médio de bagas varia de 4 a 9 g e o diâmetro entre 16 e 22 mm. 'Fantasy' possui coloração preta, enquanto as bagas de 'Crimson Seedless' são avermelhadas (Pommer et al., 1997). Essas

cultivares estão sendo testadas em pequenas áreas, em vinhedos comerciais, com boas perspectivas para cultivo no Submédio do Vale do São Francisco.
